

Apresentação

O fazer poético é um espaço alquímico, laboratorial, da palavra. Nele se cristaliza um dos elementos primevos de pesquisas não apenas da área de Letras, como de Humanas. Os comentários aqui são apenas introdução, quiçá, um pontapé na esperança de análises futuras sobre estes poemas para nós tão marcantes. São oito autores no primeiro número dessa seção. Ela começa com “O rito cuneiforme”, de Mariana Basílio. Dividido em quatro partes, o poema atravessa a história da escrita, tida aqui como importante registro de nossas perdas. O poema a seguir é, por sua vez, o do pernambucano Fabiano Calixto com seu “Sindicato de sapateiros”. No caso, um poema marcado pela memória do subúrbio, com detalhes sensíveis desse ambiente periférico pleno de fantasmas. Acompanhado de dois grandes autores, Wallace Stevens e Roberto Bolaño, Calixto termina o poema com uma imagem definidora de nosso tempo: os “minúsculos sempre” que sempre nos acompanham em “assombro pelo mundo”. Por sua vez, os poemas de Adriane Garcia, que fazem parte do recentíssimo Arraial do Curral del Rei, tratam de pesquisa da escritora, historiadora de formação, sobre o impacto que a criação de Belo Horizonte teve nos moradores da região, durante a República Velha. Para esses antigos moradores, o lema positivista adotado pelos republicanos foi muito mais uma ‘ordem de despejo’ do que ‘ordem e progresso’...

O quarto poeta dessa primeira safra é Bruna Mitrano. Seu poema, sem título, narra o entroncamento de duas histórias: uma história assistida na televisão, e que termina por interferir na segunda história em que o personagem principal é a própria autora. O simulacro nesse caso é a memória contada e não o noticiário. É o vivido que distorce o suposto o real. O quinto autor que nos cerca é Nuno Rau, com jogos intertextuais e enjambement (chamo atenção a um que divide a palavra ‘frag/mentos’). Recorrendo a estruturas como o dístico e o soneto, Nuno Rau é sem sombra de dúvida um autor preocupado com a forma, mas sem abrir mão de uma contundência não necessariamente literária que o poema diz e representa.

O poema de Francisco Cesar Manhães ganha significado novo em tempos de pandemia. Ele é marcado pela contagem regressiva de um tempo curto e sem sentido. Seguindo a mesma trilha e análise sobre o tempo, mas de acentuação mais forte no

campo das intrincadas relações da paternidade, destaca-se no poema “Dádiva” de Sérgio Cohn a imagem central do cacho de uva no trem, que mobiliza a reflexão de um sentido provisório de uma generosidade sem rosto. O último autor é Carlos Emílio Correa Lima. Seu primeiro poema, de enumeração caótica e abundante, gira em torno de uma viagem à Patagônia; o segundo, “O trazimento de Wu”, inicia com um recurso narrativo que quem conhece seus contos já está habituado. Um ser monstruoso, que incorpora o desconhecido. O recurso composicional desse poema é dialógico, teatral: um enunciador inicial pergunta, outro responde. As invenções de palavras e brincadeiras onomatopaicas estão em evidência. O terceiro poema é de tamanho curto e de versos curtos. Raro exemplo de algo mais condensado, mas que possui a marca sugestiva e visionária do autor. Essa é a primeira safra que trazemos. Que venham outras.

André Luiz Pinto da Rocha
Eduardo Guerreiro Brito Losso